

MUNDO ENCANTADO

Regina Carvalho

Na literatura infantil brasileira, faz muita falta uma produção significativa de poemas. Um grande encantamento que tive, quando nos Estados Unidos, foi examinar os livros para crianças nas livrarias e encontrar muitos deles em versos, ritmados, rimados, melódiosos. Crianças gostam dessa musicalidade toda, e essa musicalidade ajuda a desenvolver seu gosto pela leitura, pelas palavras, pela própria música.

Reclamo disso, e me citam Cecília Meireles com seu “Ou Isso, ou Aquilo”, que de fato é uma graça. E a duras penas se lembram de Vinícius, e seu “A Arca de Noé”, e, com maior facilidade, de Chico Buarque, na verdade por causa das canções de “Os Saltimbancos”, versões para Badotti, não de poemas (mesmo que se considere letra de canção uma forma de poema). Estive há pouco passando dias com minha filha, que tem mais de 35 e não costuma ler literatura, apesar de grande leitora de não-ficção. E, para meu espanto, ela se lembra, inteirinho, de poema de Cassiano Ricardo que eu lhe dizia quando era criança: “Papagaio verde/ do bico dourado...” (nem eu me lembro do título...).

Há uma crença generalizada de que a literatura infantil deva ser cheia de ensinamentos e princípios morais. Pois discordo completamente! Não, não acho que ela deva ser imoral ou deva desensinar nada, a não ser desfazer crenças infundadas e a não pensar em clichês, mas não acredito que deva ter nenhuma função formadora que não seja a pura, simples e muito, muito difícil função de formar leitores. Os pais educam, a escola ensina, a literatura traz prazer estético para as vidas – e deve começar a fazer isso na infância.

Só que não é qualquer autor que faz poemas. Precisa ser poeta, e dos bons, pra conseguir fazer isso, com originalidade, com habilidade, com graça... Daí que é tarefa para uma Cecília, para um Vinícius, para um Chico... e para um Alcides Buss.

Foi uma imensa satisfação ver surgir essa faceta de autor infantil na obra do Alcides, não poemas esparsos por aqui e por ali, obra de acaso e momentos, mas dois livros. O primeiro é de 2004: “A Poesia do ABC” (Florianópolis, Editora Cuca Fresca, ilustrações da argentina Natalia Forcat). Nele, poemas são feitos para as letras do alfabeto, sem preocupação de ordem nem de seqüência alguma – o lúdico do poema se unindo ao lúdico da letra, componente básico do poema. Dou um exemplo: “Vibrar com i,/ é só rir...// Vibrar com e/ é ferver, é ferver...// Vibrar com o/ é compor...// Vibrar com a/ é cantar, cantar, cantar...// Vibrar com u,/ é murchar...// A rimar, a rimar/ o r erra no ar!” (Errar, p.23).

É um belo jogo, este poema, com paronomásias que se desdobram em espelhos: dentro do vocábulo rimar eu tenho a letra “r”, e tenho “ar” e tenho “mar”. No verso “o r erra no ar!”, o nome da letra é lido “erre”, então ao ler teremos “o erre erra no ar!”, mais que um nome, também um verbo.

Em alguns, a liberdade de escolha do leitor se põe em aberto: “De que cor é o e?// O e é azul,/ é cinza, é lilás?// Ora, é verde!/ - o verde de selva;/ o verde de relva;/ - o verde de rabanete.// Mas debaixo da terra/ não é vermelho o e/ de rabanete?// Amarelo não é o e/ de cenoura?/ - Certo, certo!/ A cor do e depende/de quem vê.” (“Eu e Você”, p.10).

Este poema traz epígrafe de Rimbaud: “Inventei a cor das vogais”, de seu talvez mais famoso soneto. O soneto de Rimbaud permite mil viagens, e o poema do Alcides, também – e não fecha as possibilidades de invenção, como se quer na literatura de nossos dias, em que se encara o leitor como alguém que continua a obra.

Nem todos os poemas têm a mesma qualidade, porém. Há apenas dois, felizmente, que acho fracos e até bobinhos. Um é “O que do querubim” (p.22), que ainda desculpo, porque o “q” não é letra nada sonora e não ajuda muito para se poder pensá-lo e recriá-lo dessa forma. Mas o último, com o “z”, já não tem muita desculpa – ser feito para criança não é aceitável, pois crianças não são nada bobas...

O segundo livro se chama “Pomar de Palavras”, e é edição da mesma Cuca Fresca, do ano seguinte, 2005. As ilustrações são da brusquense Márcia Cardeal. Seus poemas se dirigem, evidentemente, para uma faixa etária mais avançada àquela a que se destina “A Poesia do ABC” e nos brinda com preciosidades. Vou citar meu favorito, um poema metalinguístico:

“Estão maduras as romãs/ e a poesia enlaça o mundo.// A seiva do amor/ se espalha em todo o corpo./ De pouco em pouco/ faz-se tronco, faz-se ramos/ e raízes.// Árvore-arte:/ à sua sombra o sol descansa;/ árvore-gente:/ floresce e frutifica/ sobre o verde da esperança./ O seu todo presente/ é a semente do amanhã.// Pro menino e pra menina/ não é vã a poesia/ que germina nas palavras.” (Colheitas Futuras”, p.20).

Falar em romãs maduras pode não ser o supra-sumo da originalidade, mas é significativo no contexto do livro, a trabalhar o universo da possibilidade poética como se passeia pelo pomar que se conhece e se ama: tranquilamente, curtindo nele o que nele está plantado, mas também nele visualizando possibilidades futuras. Quem planta e quem colhe, enquanto passeia entre os canteiros e entre as árvores, faça sol ou chuva, calor ou frio, cante ou não os pássaros, pensa no que vai plantar e colher a seguir: pensa no futuro. E se Alcides poetou seu lado criança para agradar aos filhos, agora já crescidos, vou dizer que um netinho é motivação ainda mais forte. Afinal, neto é filho com açúcar e merece ser conduzido, com todo o afeto possível para o encantado mundo da palavra poética...

Xerox

Ponha um X

Num dia feliz.

Depois tire xerox
e dê aos amigos.

Em cada cópia
coloque um pingo
de sua voz.

Se vários pingos,
coloque um X
naquele maior.

De um dia feliz
tire xerox
para os amigos.

Uma cópia com X
mande pra mim.

(Alcides Buss, IN: “A Poesia do ABC”, p. 29)

Jornal A Notícia – Joinville, SC -10/Agosto/2008